

36º Encontro Anual da ANPOCS

GT07 - Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição

Usos e apropriações do espaço público: uma leitura a partir do “Calçadão” (Campina Grande-PB).

Maria Jackeline Feitosa Carvalho (UEPB)

O presente artigo analisa a relação entre *cidade e espaço público*, perspectiva iniciada quando da elaboração de nossa tese de doutoramento. Naquele primeiro momento, buscávamos entender o processo da requalificação urbana ocorrida em Campina Grande-PB (1970-2000) e o conjunto de transformações socioespaciais que inauguraram, neste contexto específico, o desenho formulado por intervenções públicas. Tais intervenções tiveram por propósito estabelecer a imagem estratégica de Campina como urbe competitiva, moderna, *tech city* e contemporânea.

Todavia, ao transformar a estrutura urbana e, conseqüentemente, a condição social de Campina Grande, a requalificação impôs um nítido processo contemporâneo de higienização, ao redesenhar espaço público e traçado urbanos pela tentativa de “regenerar” seus tecidos físicos e sociais. Nesse sentido, é relevante pensar as ideias-chave que articulam o uso e apropriação do espaço público em Campina Grande, a partir de um território específico: o seu centro principal.

Este destaque é importante, pois permite perceber em que contexto se coloca o uso do mais interessante espaço público de Campina, fundamental ao desenvolvimento das sociabilidades e formas de entretenimento locais: o *Calçadão da Cardoso Vieira*, localizado no tecido mais antigo do perímetro histórico da cidade. Inaugurado em 1975, como “*Calçadão Jimmy de Oliveira*”, este espaço é descrito como relevante e emblemático no cotidiano de Campina. Inicialmente chamado de *Calçadão da Flórida*,¹ hoje é popularmente conhecido apenas pela alcunha de “*Calçadão*” (vide figuras 01, 02, 03).

O espaço fora pensado como uma forma de consolidar o centro de Campina como espaço público, reservado às possibilidades de acesso e usufruto da urbe. É notório, porém que, a partir dos anos 1970-1980 a centralidade, a urbanidade e os modos de vida modernos passam a serem incorporadas, de fato, como referências

¹ Nome dado em alusão ao largo onde outrora se localizava a tradicional e antiga *Sorveteria Flórida*. Por muitos anos, a Flórida aglutinou os intensos e mais acalorados debates públicos e políticos em Campina. Após a construção do *Calçadão*, ainda funcionou, até final dos anos 1980, bem próxima ao local (Rua Marquês do Herval), mas, como afirmam seus antigos frequentadores, sem o mesmo encanto de outrora.

simbólicas de Campina Grande. Referências essas em parte definidas a partir de um determinado espaço: o centro principal.



Figura 01: Largo da Flórida (1970).
Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com>



Figura 02: Calçada da Cardoso Vieira (1981)
Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com>



Figura 03: Calçada (2011)

Fonte: http://iparaiba.com.br/ipbredacao/upload_imagens/aquinaldo%20066.jpg

A ocupação mais intensiva do centro de Campina Grande é introduzida no planejamento oficial da cidade com a inserção de uma incipiente política voltada a construir, urbanizar e definir usos específicos de determinados equipamentos de lazer instalados no centro. Essa política é iniciada nos anos 1970 através de Programas, tais como o *PDLI* (Plano de Desenvolvimento Local Integrado) e, acentuada, na década de 1980, através do *CURA* (Complementação Urbana de Recuperação Acelerada), ambos executados localmente via parceria com governo federal².

Aliada às mudanças urbanas se conduz uma série de intervenções que criam e definem o uso de determinados equipamentos, todos localizados no centro, para se produzir uma imagem de Campina Grande por novas paisagens: construção de equipamentos de lazer, arquitetura mais arrojada e moderna de equipamentos públicos, asfaltamento dos principais acessos ao centro, dentre outras. A cidade passa assim a ser pensada pelo propósito de renovar seus usos, ou mesmo criá-los,

² A esse respeito cf.: CAMPINA GRANDE. Prefeitura Municipal. *Termo de Referência para o PDLI (Plano De Desenvolvimento Local Integrado) de Campina Grande – Proposições*. Campina Grande: PMCG, 1971; CAMPINA GRANDE. Prefeitura Municipal. *CURA II – Proposição de Investimentos e Demonstrativo da Viabilidade Econômica-Financeira*. Campina Grande: COMDECA, 1980.

de modo a organizar e potencializar o centro principal. Tudo isso empreendido sob uma imagem dos tipos de usos que deveriam se voltar ao comércio, à diversão e ao turismo.

Em conjunto tais usos visavam provocar, aos olhos dos cidadãos ou visitantes, a transformação do centro de Campina Grande pelo afã de revelá-lo moderno. Passa-se a priorizar, por exemplo, intervenções que visavam preparar o centro dotando-o de toda a infraestrutura necessária, pela imediata requalificação e construção dos seus hoje principais equipamentos e logradouros públicos – Pátio da Estação Velha, Açude Velho e Açude Novo (Parque Evaldo Cruz). Propunha-se projetar a cidade como expressão de lazer, recreação e cultura, pois, em termos mais gerais, as intervenções na área central irão operar pelo intuito de produzir a (re) inserção de Campina sob o ponto de vista simbólico, desejando transformá-la por um processo modernizador.

Esse processo é fortemente guiado pela linguagem planejadora e técnica do desenho urbano preconizado como embelezamento de onde, sob essa ótica, o centro seria renovado³ por usos que, em consequência das intervenções neste espaço, tenderam a projetar a cidade priorizando a ocupação de alguns espaços públicos, a exemplo da própria construção do *Calçadão*.

Essa compreensão nos possibilita, portanto, *primeiro*, analisar como o *Calçadão* se constitui em espaço público e, *segundo*, perceber de que maneira o uso deste espaço explica as transformações recentes do centro de Campina Grande. Por outro lado, as mudanças ocorridas no centro principal de Campina Grande trazem à tona a hierarquização socioespacial, em torno da qual se dará a tensão entendida pela composição do espaço público da rua e, ao que parece bastante relevante, a reflexão da relação com seu espaço público. Pois, os usos dos lugares públicos na experiência urbana recente de Campina Grande em parte têm se

³ Em busca de tais objetivos ocorrerá um processo de higienização do centro, a exemplo do que ocorrerá com os cortiços ‘*Coqueiros de José Rodrigues, Cova da Onça e Tamanduá*’ que, dentre outros, localizados no centro da cidade foram sistematicamente extintos ou expulsos para as bordas do Município como forma de requalificar o centro pela ocultação da pobreza urbana.

constituídos pelas disputas, conflitos e contrausos gerados sobre um determinado lugar da cidade e as relações sociais ali expressas – “O Calçadão”.

Nesse sentido é relevante se perceber os contrausos (Certeau 1994; 1996) existentes no *Calçadão*, onde a presença de determinados usuários e praticantes põe sob questionamento um conflito de uso. Seja pela imagem pública que tem por referência a memória institucionalizada do comércio mais tradicional de Campina Grande; à luz do seu modo de estar na dinâmica tempo-espço de cidade contemporânea, ou ainda por se vincular às marcas da configuração do espaço público, sempre excludente, nas cidades brasileiras.

O *Calçadão* marca um cenário que enquanto espaço físico, aqui percebido como território, permite pensar como Campina remodela (espacial e discursivamente) a dimensão pública e seu impacto na rua propriamente dita. Deste modo se tecem, neste espaço, as resistências, histórias, movimentos e errâncias que terminam por alterar (pelo conflito) as percepções sobre o espaço público em Campina Grande:

(...) conhecido como o coração da cidade, o lugar onde tudo acontece e de onde tudo se vê. O Calçadão da Rua Cardoso Vieira é o *tradicional ponto de encontro de aposentados, artistas, intelectuais, professores, políticos, (...), mas também onde acontece o “comércio negro” das armas, mortes, drogas, assaltos e prostituição. É o palco dos artistas de rua, cantores de ocasião, pregadores do evangelho e contadores de piada. É o canto do fuxico e da fofoca. É a boca maldita. “Boato bom e ruim, tudo começa aqui.”, como diz os mais antigos comerciantes do local. O local parece ter encanto. (...). Quem vê não acredita que o local possa ser o termômetro da cidade* (Grifo nosso!). É uma rua estreita e pequena, com alguns bancos para sentar e pequenos comércios (...). Pelo local diariamente passam milhares de pessoas (...)

O Calçadão tem personagens pitorescos que são o charme do lugar. Entre as “figuras” mais conhecidas está o “Gordo do Calçadão”, (...) que frequenta o ponto há mais de 20 anos (...). A rua tem o canto especial onde os garçons se agrupam, o local onde o pessoal do Fisco “bate o ponto”, o lugar onde as bandas costumam se apresentar, a ponta da feira de troca.” Cada categoria tem seu canto de bate papo e negociações”. Disse um “jurássico” do Calçadão, o Advogado Wellington Barbosa do Nascimento, mais conhecido como Wellington do Queijo. Ele é um dos mais antigos ocupantes da área e sua barraca é ponto de referência na área. Wellington classifica o Calçadão como catedral da política, do futebol e da fofoca, onde “qualquer boato se espalha feito um rastilho de pólvora”. (...) Outra figura folclórica da área é “Biu do Violão”, fã ardoroso de Roberto Carlos. De chinelo no pé, boné na cabeça e um violão na mão, o “Roberto Carlos do Calçadão” dedilha seu violão enquanto entoa velhas canções do rei aos fregueses que tomam calmamente seu cafezinho, num dos pontos mais tradicionais do Calçadão, (...). Tem também Toinho do Triângulo, que apesar de ser analfabeto, desenrola nos bancos todos os “pepinos” que os comerciantes da área lhe pedem. Tem Ronaldo, o Seresteiro, (...). É comum encontrar também por lá “Edvaldo Cotó”. Ele anda sempre com uma Bíblia

debaixo do braço, (...). Para todos esses freqüentadores , o Calçadão é um lazer.(...)⁴

É como espaço de convergência, de parcela significativa dos habitantes da cidade e de metáfora da sua sociabilidade, que o *Calçadão* remete às operações de “desvios” na espacialidade do centro principal de Campina Grande, por práticas que terminam em abrir brechas, estabelecer um lugar de vivências e em recondução a favor do uso ordinário que nele se elabora (Certeau, 1996). Palco privilegiado e representativo das mudanças de sociabilidades da cidade nas últimas quatro décadas, o *Calçadão* pode ser visto como espaço público de resistência urbana e contrausos “onde tudo acontece, ponto de irradiação da cidade”.

No espaço do *Calçadão* se inscrevem o discurso do ambulante, do comércio, da política, dos intelectuais, artistas ou de práticas ilícitas - tais como: tráfico, roubo e prostituição- e de simples transeuntes. Todos, percursos de uma tensão entre os pólos da “ordem” oficial e de práticas de resistência da rua. Lugar nomeado, campo de forças que possibilita pensar este espaço pela categoria sociológica da ação pública da rua enquanto agente a qual:

O atributo “pública” (...) tem como objetivo distinguir um tipo de processo que não se confunde com os usos e costumes banais da existência urbana, nem do cotidiano privado, do qual igualmente se diferencia. (...). A noção de sociabilidade adotada aqui, ao contrário, refere-se aos processos interativos, representativos e simbólicos, relacionados às experiências vividas que constroem interações de rua, enquanto espaço de vida pública. *Nesse sentido, a “rua que interessa”, (...), não é o espaço urbano em si, mas o espaço social da rua, que os significados construídos pelas ações cotidianas tornam uma categoria sociológica inteligível* (Grifo nosso!). (LEITE, 2004, p.24).

Pelo atributo público da rua, o *Calçadão* tem por repertório os significados que expressam escolhas e contrausos acionados por determinados usuários na cidade; na perspectiva de pensar o *Calçadão* e seus praticantes, ordinários que fabricam para si um uso próprio da rua, desmantelando as correntes do aparelho urbano e impondo à ordem externa da cidade sua própria lei de consumo do espaço (Certeau, 1996).

Ao metaforizar a imagem de Campina Grande pelos usos e vivências neste espaço, o *Calçadão* assume a relevância jamais ocupada no contexto da cidade,

⁴ CALÇADÃO chega aos 25 anos e se mantém como centro de irradiação. JP, 29 set.2003. (Caderno Cidades - Helda Suene) . Ressalvamos aqui o erro de data, presente nesta manchete, visto que a inauguração do Calçadão data de setembro de 1975.

como espaço econômico e social mais ativo. Espaço público mais significativo da cidade, de onde os usos e as relações nele praticadas se tornam mais propícios a tensões, nos permite formular a ideia de que o *Calçadão*, paradoxalmente, já nasce em conflito com os usos⁵ da rua.

Visto o modo como os campinenses interpretam o *Calçadão*, seus personagens e sujeitos urbanos, por significados e formas que distinguem, ocupam, usam, projetam e distribuem diferentes lugares instaurados sobre a cidade em seu espaço público. O *Calçadão* se configura como um lugar bastante peculiar no imaginário de Campina Grande e pode ser interpretado como território de diferentes itinerâncias e modos de vida na cidade e, portanto, de relevante contribuição à análise sociológica dada a diversidade de práticas que caracterizam o cotidiano deste logradouro como seu principal espaço público.

Basta verificarmos o conflito até pouco tempo⁶ existente no *Calçadão* entre ambulantes e poder público municipal, ao descrever lugares, sujeitos, táticas, estratégias, tempos e acontecimentos significativos aos modos como ambos percebem o *Calçadão*. Espaço inicialmente projetado ao lazer que, em particular, passa a ser reapropriado ao uso de atividades econômicas dadas pelos contrausos⁷ de seus frequentadores e usuários (Certeau, 1994).

Usuários que a partir deste espaço exercitam a condição de praticantes da cidade que jogam por astúcias, de forma a escaparem à disciplina imposta em um espaço a eles sutilmente ou terminantemente negado (vide Figuras 04, 05, 06,07).

Situamos assim a destinação dada a certas unidades do tecido no ambiente urbano e, neste contexto, ao discurso de requalificação do centro de Campina Grande, expressa significativamente pelo tipo de uso historicamente dado ao

⁵ Exemplo disso foi a polêmica criada, à época de sua construção, sobre a necessidade, ou não, deste Calçadão. Executado em apenas 03 meses, a ideia de sua construção, de acordo com alguns relatos, surgiu a partir de uma visita realizada pelo então prefeito (Evaldo Cruz) à cidade de Curitiba - PR.

⁶ Visto que os ambulantes foram retirados desse espaço, de forma conflitiva, e ainda não solucionada, do local em maio último(2012).

⁷ Cabe observar o insucesso das tentativas, postas pelo poder público e comerciantes formais desde os anos 1980, em subtrair a “informalidade” e os ilegalismos deste espaço em recorrência a um discurso segundo o qual, tal medida, “consensualmente” equacionaria o problema dos ambulantes e sua pratica econômica no centro de Campina.

Calçadão. Elemento de expansão de contrausos, este espaço impõe hoje outras paisagens que fortalecem, mesmo que de modo “ilegal”, a localização da atividade econômica local; descreve ócios e formas de lazer presentes na cidade.

Para tanto é relevante perceber a trajetória de ocupação do *Calçadão*, com ênfase aos principais usos e termos envolvidos no ponto de vista das imagens projetadas sobre Campina Grande. Podemos assim afirmar que, incorporado na cidade e ao cotidiano de seus habitantes como elemento imprescindível à vivência do espaço público e diversões de populares, o *Calçadão* transgredir pela “informalidade”, ilegalismos e contrausos, suas finalidades reservadas oficialmente.



Figura 04: Calçadão (2011)
Fonte: Arquivo pessoal

De tal modo que os contrausos presentes neste espaço representam paisagens sociourbanísticas (de usuários e praticantes) que consigo trazem significativas transformações, nas práticas culturais do espaço público de Campina. Marcados por conflitos, que se originam no contexto e níveis de produtividade e desemprego no Município, os contrausos colocam a clara dimensão da restrição dos espaços públicos na cidade.



Figura 05: Calçadão (2011)
Fonte: Arquivo pessoal

Assim reforçamos que as formas de usos do *Calçadão* revelam como as territorialidades são definidas e retratadas no espaço público de Campina Grande, em uma tensão que promove a nova imagem dos *illegalismos urbanos* (Telles, 2009) como marca da prática neste espaço. Protagonistas das cenografias e errâncias da rua -ambulantes, pobres urbanos, prostitutas, transeuntes, todos nômades na própria cidade- denominadas de *resistências urbanas* (Jaques, 2004).

Neste cenário dois universos distintos se impõem: a cartografia da rua e a tentativa de sua 'domesticidade'. Em estratégias (do poder público e comerciantes locais) em impor uma dualidade, perigosa e recorrente, à separação física e social na cidade, ao proibir determinadas práticas e atividades econômicas.



Figura 06: Calçadão (2011)
Fonte: Arquivo pessoal

Juntos, estes universos (a rua e sua domesticidade) põem em discussão a paisagem que desloca a imagem de Campina para uma forma diferenciada de nomear este espaço, por modos de agir, tantas vezes ocultados, sob a ordem oficial estabelecida:

Falando de modo mais geral, uma *maneira de utilizar* (Grifo de autoria!) sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e suas legitimações dogmáticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribuir-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais (...). Aí se manifestaria a opacidade da cultura "popular"(sic) (...).O que aí se chama sabedoria, define-se como *trampolinagem*(Grifo de autoria!) , palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como *trapaçaria*(Grifo de autoria!), astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos do contrato social.Mil maneiras de *jogar / desfazer o jogo do outro*(Grifo de autoria!), ou seja,o espaço instituído por ou, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente (...),uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor.Destreza tática e alegria de uma técnica.(...).(CERTEAU, 1994, p.79).

O ilegalismo do ambulante, tal como o dos 'sacoleiros' e tráfico de drogas, dentre outros, é fundamental para entendermos o que tem ocorrido no *Calçadão*, em

relação às fronteiras entre o mercado formal e informal, “(...) os modos como esses mercados se organizam e se distribuem nos espaços urbanos” (Telles, 2009, p.54).As formas de usos do *Calçadão* e do centro da cidade pelos ambulantes revelam como as territorialidades são definidas e retratadas no espaço urbano de Campina Grande: através de uma tensão promove uma imagem: o *ilegalismo* que marca a prática econômica dos ambulantes neste espaço, protagonista de um fenômeno urbano simultaneamente denominado como *resistências urbanas*.

Ao refletir a imagem de exclusão e resistência denota-se o *Calçadão* como espaço significado compartilhado e disputado em virtude dos atributos sociais e das sociabilidades ao qual, por exemplo, recorrem os contrausos em Campina Grande. Pois, o *Calçadão* é lugar de relações de que se apropriam diferentes usuários, tantas vezes realizadas sob a forma de negociações, disputas de determinados ‘pontos’, práticas de vendas, organização e ‘interação’ com a cena urbana.

Exemplo disso são as relações que se prestam os populares à apropriação simbólica deste lugar — tarefa difícil de explorar como prática de sobrevivência, *trabalho incerto* e “*sem forma*”⁸ que territorializa os contrausos em Campina e suas fronteiras:

(...) dispositivo comercial que coloca em cena comerciantes estabelecidos em seus postos, vendedores ambulantes, “sacoleiros”, consumidores e mais a trama de relações que passam por essa teia de intermediários e mediações, pelas quais os agenciamentos são feitos nas dobras do legal e ilegal, do formal e informal. A cada ponto dessa trama que viabiliza a circulação de mercadorias, esses atores estão em situações relacionais, convocados a negociar constantemente a “aceitabilidade moral de seus comportamentos” em uma situação “que torna possível a coexistência da legalidade e da ilegalidade, e a mudança permanente dos seus limites. (TELLES, 2009, p.163).

.Sob esse ângulo, é relevante inserirmos a perspectiva teórica sobre o conceito de espaço público para reforçarmos nosso lócus de análise, a partir da relação com as práticas empreendidas pelos usos que diferentes grupos fazem do *Calçadão*. Práticas e intervenções contra-hegemônicas, micro-resistências urbanas (Jacques, 2004) que se configuram como formas de produzir, ocupar e apropriar um espaço público a partir de um lugar que sustenta e renova as diferenciações

⁸. Expressão utilizada por Francisco Oliveira, ao analisar os circuitos da dita economia informal na globalização. Cf. Telles (2009).

socioespaciais, égide de uma lógica cuidadosamente organizada; territorialização da rua e processo de produção do espaço público em Campina Grande.

É nesta incompletude de práticas que se insere a apropriação do *Calçadão* como espaço público; tradução de modificação da paisagem social e urbana de Campina Grande seja pela forma como se movimentam os populares no local ou ainda pelas resistências que se colocam na perspectiva de assegurar suas permanências neste espaço. Neste sentido, os distintos usos do *Calçadão*:

(...), envolvem a paisagem, a permanência ou o ajustamento de indivíduos, ali em ritmo regular, esporádico ou excepcional (...). Com tal conotação, a expressão “usos da rua” remete á movimentação física, ali, de tipos urbanos vários — com destaque, (...), para transeuntes, multidões, comerciantes de rua e andarilhos que aí vivem dia a dia (...). (FREHSE, 2009, p.153).

Os usos que os populares dão ao *Calçadão* como espaço público singular de Campina Grande, em seu sentido mais representativo, parecem se associar à proporção em termos do crescimento e ocupação do centro principal da cidade em suas disputas. Esse fator aponta o centro por uma imagem socialmente compartilhada como lugar de plena utilização e amplo uso econômico, social e simbólico organizado em torno do ambulante e sua prática econômica. Isto é, o *Calçadão* como espaço público da rua, pois:

(...), os usos da rua são indissociáveis dos processos socioeconômicos e políticos mais amplos que também os constituem. A marca dessa equação é o imponderável de conflitos sociais que se insinua pelos mais fugazes gestos, posturas e interações, nas ruas (FREHSE, 2009, p.164).

Sob esse ângulo, é relevante inserirmos a perspectiva mais teórica sobre o conceito de espaço público para, seguidamente, reforçarmos nosso lócus de análise, aqui analisadas a partir da relação com as práticas empreendidas pelos populares no *Calçadão* enquanto uso da rua.

A rua é o espaço que gera controvérsias e diferentes pontos de partida, em um debate que abriga a variedade de perspectivas que falam da cidade associado-a a remodelação do seu espaço público. Como nos auxilia Rubino (2009, p.36) “a linguagem, e a linguagem sobre a cidade, seus cantos, antros e classificações, tudo isso é tanto vetor como indício de conflitos (...).”

Os populares tornam efetivo o uso do *Calçadão* como lugar que, aparentemente homogêneo, constitui a característica de contestação, visibilidade política, lugar de vivências, vínculos e de reafirmação de diferentes usos do espaço público em Campina Grande (vide Figura 07). Sobre essa vivência em um espaço

que é público⁹ há um debate, desdobrado meio a relevantes leituras, que assinala o que tem ocorrido em relação ao espaço público na cidade contemporânea.



Figura 07: Calçadão (2011)
Fonte: Face

A questão que nos chama a atenção ainda é a de sabermos em que medida o *Calçadão*, enquanto espaço público tradicional encontra-se, ou não, fragmentado. Visto que na cidade contemporânea as Ruas, praças, parques... Tantas vezes são substituídos por processos contemporâneos de higienização lidos como gentrificação, disneyficação, patrimonialização¹⁰. O espaço urbano, a depender das ações constituídas nos lugares com sentidos e dimensões propriamente políticos, pode ou não resultar em espaço público. Nesse sentido, interessante é analisar a distinção entre espaço urbano e espaço público:

(...) um espaço urbano somente se constitui em espaço público se nele se conjugam certas configurações *espaciais* (grifo de autoria!) e um conjunto de *ações* (grifo de autoria!). Quando as ações estabelecem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente. (LEITE, 2002: 117).

⁹ Debate interessante que remete a vida cidadina na contemporaneidade, onde os habitantes da cidade que se fecham cada dia mais sobre o esvaziamento do espaço público, em substituição das praças pelo interior das casas. A esse respeito cf.: Bauman (2007, 2003, 2001, 1999), Gomes (2002), Santos (2002), Arantes (2000), Sitte (1992), dentre outros.

¹⁰. A esse respeito, cf.: Scocuglia (2009); Leite (2009).

É a partir dessa compreensão que percorremos à leitura do *Calçadão* a partir de Certeau em seu conceito de estratégia e tática, por ser imprescindível para o entendimento do modo como se coloca a relação entre a imagem de Campina Grande analisada a partir do uso do espaço público pelos populares. Essa imagem em Campina Grande atravessa os sentidos da rua, dos conflitos e das ameaças que surgem no interior desse espaço público, de acordo com a orientação dada pelas intervenções públicas como compreensão do espaço onde se desenvolvem as práticas dos populares na cidade.

Nessa perspectiva, Certeau(1994) aponta para a conjugação entre o conceito de espaço urbano com o de espaço público de resistência e contrausos. É a experiência da rua que marca os contrausos que realizam os populares no *Calçadão*, sob o ponto de vista da condição contemporânea de uma imagem de Campina Grande respaldada como resistências a um discurso de requalificação do seu centro e que encobre conflito, práticas autoritárias, curativas e tecnocráticas (Certeau, 1994) estabelecidas em consequência da relação entre os populares e a cidade.

A despeito disso, tomando por referência Leite (2009), questionamos “(...) como seria possível qualificar um espaço urbano como público, num contexto de alta dispersão e fragmentação do sujeito e das identidades?” (p.196). Ou ainda, como demarcar o *Calçadão* como um espaço público que configura e qualifica (...) condições de ambivalência, conflitos e incertezas?

Mais uma vez Leite (2009) insere a pista a esse desafio ao situar que, deve-se reconhecer que essa noção só pode ser pensada pelo parâmetro da construção social da espacialização das ações sociais como práticas públicas, apropriação e uso social do espaço onde as diferenças se afirmam publicamente e o conflito é inevitável, de tal modo que:

As zonas de deslocamento entre as abstenções e os lugares identitários são os espaços públicos intersticiais. Inevitáveis e trazem a marca da cidade contemporânea: caótico, desordenado, marcado por *contra-usos (sic)* (Grifo de autoria!). Nestes espaços intervalares, muitas vezes marcados pela efemeridade, a negociação sócio-espacial (sic) é fundamental, a violência é latente, o conflito é inevitável: mas neles estão possibilidades concretas da experimentação do imprevisível. São neles que corre a vida cotidiana e neles ainda persiste a rica possibilidade do encontro com o estranho na experiência urbana contemporânea. (LEITE, 2009, p.200).

A discussão da imagem do *Calçadão* em Campina Grande em sua relação com o espaço deve refletir assim o atributo *público*, aberto a partir de uma leitura da rua frente a práticas interventoras que tentam extinguir os populares deste cenário. É por esta experiência singular de conflito que surgem os termos de um espaço praticado, do encontro entre diferentes, do encontro com o estranho, os populares com a dimensão da rua. Os populares do *Calçadão* abrigam assim a rua como espaço público por excelência que só pode ser demarcada enquanto,

(...) unidade básica da cidade, uma vez que é nela — não apenas no seu traçado físico, mas, também, no reconhecimento de sua função social — que se desenvolve o sentido de coletividade, de urbanidade indispensável a qualquer ajustamento urbano que aspira à condição de cidade. (LEITÃO, 2009, p. 135).

Há uma hierarquia do *Calçadão* a partir do lugar social dos populares e a relação deste com este espaço público que, ao mesmo tempo, expressa uma hostilidade para com os excluídos desse ambiente que no tempo só parece ter acirrado (Leitão, 2009). E em tal intensidade que, de acordo Andrade (2008, p.101): “(...) a perda da forma urbana e o eclipse dos lugares públicos são fenômenos correlatos ao esgotamento da dimensão representativa e simbólica da cidade (...)”. Uma vez construída a rua como espaço público, esta incidirá por afastamentos e exclusões no espaço urbano delimitado pelo poder público.

Essa leitura também se constitui para nós enquanto possibilidade de situar o debate de imagens e discursos produzidos sobre o processo particular de remodelação do espaço público, da rua, em Campina Grande. Ao tomarmos por cenário, o embate entre populares e poder público, quando como, por exemplo, a informalidade dos ambulantes, percebemos que Campina Grande tem encontrado dificuldades na produção de um espaço efetivamente público. Para tanto a dimensão da rua e a prática dos populares no *Calçadão* marcam a relação espaço-sociedade e as transformações recentes no espaço público em Campina Grande.

Porém, o *Calçadão* também se define pela recusa ao encontro com o outro (populares), em relações de assimetria e desigualdades de acesso em um espaço qualificado como público. Dimensão pública que tem a ver com as marcas identitárias que socialmente configuram a negação da rua aos populares em seus modos de operacionalizar o *Calçadão* como território e contrauso.

Concebido nessa perspectiva o conflito de uso do espaço público do *Calçadão*, na face visível do ambiente urbano de Campina Grande, pode ser lido por traços do patrimonialismo que historicamente têm caracterizado a organização da sociedade brasileira em seu espaço público.

O patriarcalismo corresponde aqui à *definição ideal-típica de dominação tradicional* que se constitui legitimamente por conteúdos que contrastam, fortemente, com outra variante — a legal — e que tem a ver com a forma pela qual esse poder é exercido: pessoal e sem distinções entre os limites do público e do privado:

(...), fora das normas tradicionais, a vontade do senhor somente se acha fixada pelos limites que em cada caso lhe põe o sentimento de equidade (sic), ou seja, de forma sumamente elástica. Daí a divisão do seu domínio numa área estritamente firmada pela tradição e, em outra, da graça e do arbítrio livres, onde age conforme seu prazer, sua simpatia ou antipatia e de acordo com pontos de vistas puramente pessoais, sobretudo suscetíveis de se deixarem influenciar por preferências também pessoais.(...).(WEBER, 1991,p.131).

Nesse sentido pensamos patrimonialismo a partir da Sociologia Política de Max Weber, ao se referir às formas de dominação política em que não existem divisões nítidas entre as esferas de atividade pública e privada, onde a casa-grande é o símbolo sobre o qual se organizou a paisagem social brasileira, da colônia aos nossos dias. Temos, nesse caso, um tipo de dominação tradicional que conduz as raízes da dominação patriarcal desenvolvida a partir da autoridade do senhor sobre a unidade familiar, com apoio interno na aceitação de normas que derivam da tradição e crenças na sua inviolabilidade (Freyre, 1997).

Em linhas gerais, o fundamento em que reside o patriarcalismo do qual se origina o espaço público, na sociedade brasileira, é relativamente instável às consequências de uma legitimidade que tem por base motivos pessoais graduados e modos estritamente vinculados segundo regras informais. Não obstante, a violação do conteúdo dessas ordens no espaço público, fixado pela tradição, põe em risco e perigo a própria legitimidade desse domínio e seu alcance.

Ou seja, a presença dos populares no *Calçadão* enquanto espaço público por natureza, põe sob questionamento a imagem pública que tem por referência a memória institucionalizada do comércio mais tradicional de Campina Grande; à luz do seu modo de estar na dinâmica tempo- espaço na cidade.

No âmbito de sua expressão pública o *Calçadão* marca uma Campina Grande fragmentada em seu espaço público e, a todo tempo, insistentemente ressignificada. Esse espaço esboça a tentativa de reencontro e resgate com uma historicidade do comércio local e se vincula às marcas da brasilidade na configuração espacial sempre excludente das cidades brasileiras, aqui registradas, sobretudo, a partir da instalação do ambulante e seu comércio informal no centro principal de Campina Grande.

Parcela sociourbanisticamente excluída de um circuito formal os populares vivenciam o espaço público do *Calçadão* através da rua e do encontro com o outro diferente de si — quer seja o poder público, comerciantes formais, transeuntes ou cidadãos. Talvez por isso talvez seja interessante percebermos que, a partir da leitura de Coradini (1995, p.21), com base na leitura de Bakhtin, o centro da cidade — a rua.

Esta é, desde a Idade Média um cenário público importante que caracteriza juntamente com a praça, a igreja e as tavernas, o ponto de convergência de tudo que não era oficial, local do mundo de formas e manifestações do riso, do ambiente carnavalesco e da cultura popular:

A praça pública na Idade Média e no Renascimento formava um mundo único. A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de extra territorialidade no mundo da ordem e da ideologia oficial, e o povo aí sempre tinha a última palavra.(BAKHTIN apud CORADINI,1995,p.22).

Mesmo com todas as mudanças nas cidades e da produção de novos significados sobre os espaços públicos podemos afirmar, com base em Coradini (1995), que a cidade sempre esteve ligada aos seus espaços públicos e à forma como estes são apropriados como elementos representativos da vida pública cotidiana.

É desse modo que a função que o espaço público parece desempenhar na Campina Grande contemporânea, e nesse sentido nas territorialidades do *Calçadão*, tem a ver com as características sociourbanísticas que historicamente fundaram a rua como espaço-símbolo de segregação referida à negação do espaço público nas cidades brasileiras:

(...), o desprestígio da rua brasileira em seu nascedouro — e ainda em nossos dias — isto é, o seu não reconhecimento como espaço fundamental da cidade, pode ser apreendido a partir de três pontos principais. O primeiro

deles vem à tona quando se observa o *uso plebeu* (Grifo de autoria!) que lhe foi dado. O segundo se evidencia na *função de circulação* (Grifo de autoria!) que marcou o seu surgimento e, finalmente, o derradeiro dos pontos acima indicados pode ser percebido pela *forma residual* (Grifo de autoria!), quase ao acaso, sugerida em muitos arranjos espaciais que as cidades brasileiras manifestam. (LEITÃO, 2006, p.315).

Exemplo detalhado dessa marca de organização social da rua a brasileira, O *Calçadão* em Campina Grande acompanha o cenário de embates de ordens diversas, de classificação social no sentido trabalhado por Carneiro (2009) como territorialidade, operador classificatório que os grupos elegem ao experimentar e vivenciar um determinado espaço e de disputas ancoradas em um espaço público que marca o intenso e acirrado conflito do contrausos na cidade contemporânea.

Há uma fluidez que pode ser tomada como uma explicação para uma ordem pessoal do universo da rua onde os indivíduos, de acordo com Da Matta (1985, p. 100), ficam “(...) à mercê de quem quer que esteja manipulando a ordem social naquele momento (...)” Reinado do privado em detrimento à rua, esta já surge por um uso desvalorizado, desprezível, desprestigiado, de função menor relegada à pobreza, à sujeira e feiúra:

Como consequência desse nascedouro pobre, vulgar, quer social, quer urbanisticamente falando, o espaço público, no Brasil, aparentemente, nunca assumiu sua função mais nobre. Nunca foi, portanto, o espaço da convivência, da pluralidade, O espaço do encontro com o outro, com o diferente de si, (...). Nunca se confundiu com o espaço da palavra, da expressão e discussão de idéias, do exercício da democracia, tal como se deu na polis grega clássica, por exemplo. (LEITÃO, 2009, p.43).

O olhar das diferentes imagens que nos oferece o espaço do *Calçadão* é expresso assim pelos contrausos que fazem os populares do modo hegemônico de pensar a cidade. Capacidade de resistência que demonstra a rua e o *Calçadão* como práticas de resistências que os populares colocam frente à tentativa do poder público em esvaziar tais espaços.

O espaço público do *Calçadão*, embora tido aparentemente ‘para todos’, apresenta as relações sociais por um modo pessoalizante com o espaço público. Dado a fluidez com que este espaço é operacionalizado, seja por ambulantes, intelectuais, transeuntes, idosos, jovens e, diversamente, pelo poder público. Fortalece-se assim a percepção dos populares na rua como algo perigoso, agressivo e negativo à imagem de Campina Grande. Lugar de representações dos contrausos dos populares, o *Calçadão* possibilita ler Campina Grande e suas sociabilidades pelas experiências dos populares neste espaço.

Uma parte importante na relação da ordem social dos populares do *Calçadão* com a rua é a concepção que mobiliza o duplo movimento na área central da cidade e que, por conseguinte, acentua as experiências contemporâneas do espaço público em Campina Grande: fluidez e conflito; usos e contra-usos; estratégias e táticas; movimento constituído pelas reapropriações que os populares fazem do território da rua enquanto questionamento crítico do significado do espaço público em Campina Grande. Isso evidencia que:

(...). Pensar a cidade e suas dimensões (...) significa refletir sobre o repertório de significados que alimentam seus usos e contra-usos (sic), analisar as metáforas que povoam o imaginário construído sobre elas, enfrentar a memória e a história frequentemente (sic) acionadas nas políticas e projetos urbanos. (FRÚGOLI JR., 2006, p.11)

O *Calçadão* visualiza a imagem de Campina Grande, fragmentada em sua forma urbana ao mesmo tempo em que aponta para a forte referência de um lugar praticado — a rua. É relevante deixar claro o que estamos entendendo por centro urbano, pois o centro estabelece a clara relação entre importância econômica e renovação física da cidade; transformações presentes em sua estrutura urbana com a produção das localizações e disponibilidade de infraestrutura.

Estas transformações implicam diferentes atributos às localizações deste cenário, é no *Calçadão* que terminam por surgir processos socioespaciais bastante significativos, a exemplo do conflito entre ambulantes e poder público.

O que não podemos esquecer é que o *Calçadão* designa ao mesmo tempo um local geográfico e conteúdo social, que só existe enquanto processo social de organização do espaço de modo que, convém ainda deixar claro que este espaço se define pelo conteúdo social da centralidade urbana na relação que mantém com o conjunto da estrutura urbana:

(...). Quer dizer que o centro urbano, como a cidade, é produto: por conseguinte, ele exprime as forças sociais em ação e a estrutura de sua dinâmica interna. Uma análise sociológica deveria estudar o *centro simbólico* (Grifo nosso!) enquanto resultado do processo pelo qual uma sociedade se organiza com relação aos valores expressos no espaço: o *centro-de-trocas* (Grifo nosso!), enquanto expressão do processo de expansão urbana (...) de especificação funcional e de ocupação do solo conforme a lei do mercado; o *centro-lúdico* (Grifo nosso!), enquanto expressão do processo de formação de uma sociedade valorizando, de maneira crescente, o consumo, com diferenciação espacial dos lazeres segundo a dicotomia cidade/ natureza, correspondendo a uma separação definitiva do habitat e do trabalho, (...). (CASTELLS, 2009, p.313-314).

A caracterização do *Calçadão* como espaço público representa um conjunto de relações dentro da estrutura urbana que exprime a correlação de diferentes

elementos (culturais, econômicos, políticos, sociais e materiais) e opera, sobretudo em função do qual se organiza a forma significativa do espaço urbano enquanto processo de transformação de relações sociais em uma dada estrutura urbana.

O *Calçadão* é também espaço onde se situa uma memória do urbano, depositária do passado de Campina Grande. É dimensão física, geográfica e de intensa sociabilidade com características fundamentais à sua formação no tempo e no espaço, que só pode ser compreendido a partir de três elementos:

(...) primeiramente, os elementos, por assim dizer, estruturais que presidiram o traçado e organização do espaço físico e do espaço construído e que se revelam em termos de uma materialidade; a seguir, a apropriação deste espaço no tempo, construindo a experiência do vivido e transformando este espaço em território, dotado de uma função e onde se manifestam as relações de sociabilidade; por último, a dotação de uma carga imaginária de significados a este “espaço-território” no tempo, transformando-o em lugar portador do simbólico e das sensibilidades. (PESAVENTO, 2007, p.3).

As disputas geradas por populares no *Calçadão* fazem parte de uma experiência urbana vivida por tais grupos como marcos temporais e espaciais de uma imagem sobre a cidade, imagem construída e inerente à passagem do tempo e do uso social do espaço público em Campina Grande.

A partir do que os populares articulam, constroem e ressignificam no *Calçadão*, de acordo com o que experimentam e praticam nesse espaço, o *Calçadão* é sublinhado como principal local onde se concentram; esfera praticada a partir de um grupo, de um espaço e tempo. Em uma memória, tantas vezes, acionada pelo poder público, como possibilidade de “salvaguardar” o sentido histórico desse lugar¹¹.

Seja pela recorrência da estratégia de, tantas vezes, o não reconhecimento dos populares ou pelos contrausos e escolhas táticas destes, o *Calçadão* expressa imagens e representações contraditórias que Campina Grande possa oferecer. O centro e o *Calçadão* têm sofrido ao longo do tempo várias alterações de uso, que

¹¹ Exemplo disso foi o que se delineou fundamentalmente pelo projeto de revitalização do centro da cidade — *Projeto Campina Grande Déco*. A partir da década de 1990 a orientação do poder público municipal tende a reforçar a garantia de um *retorno ao centro*, fixado como critério de definição e permanência das sociabilidades deste lugar. O “Projeto Campina Grande Déco” propôs, ao lado da revitalização dos antigos casarios em arte déco presente no centro da cidade com a concepção da estratégia de eliminação dos ambulantes do centro pela construção do “Shopping Popular Edson Diniz” e de duas ARCCAS — Áreas de Livre Comércio e Cultura ao Ar Livre (Catedral e Titão).

tendem a imprimir um processo de consideráveis transformações no modo de concebê-los enquanto convivência social, lazer e espaço de trabalho e embates.

O espaço público do *Calçadão* se coloca como denúncia da imagem de Campina Grande, demarcada em oposição às intervenções contra-hegemônicas (Leite, 2009) que tentam obstaculizar os contrausos na cidade, através do argumento de uma visão “tranquilizadora” e consensual; paisagens de poder que sugerem deliberada suspensão da abstenção do encontro com o estranho (Bauman, 2001).

É por um rico significado, que o *Calçadão* constituiu o território da rua a partir de quem vê e de como sente aquilo que se apresenta movendo a experiência de uma prática cultural de resistências ao discurso homogêneo de retratar o ambiente urbano. Entendemos assim que a relação que os populares mantêm com o Calçadão [resistência e espaço do cotidiano] é apreendida através da experiência de reconversão da funcionalidade deste espaço, transformado em lugar de trabalho, sociabilidade, conflito e de sobrevivência.

A partir dessa compreensão nos impõe definir que lugar é esse e que diferenças carregariam os populares em suas práticas de resistências às distinções entre este espaço (compreendido como lugar) e o território por estes agenciados; formas de subverterem as relações de poder impostas pelas intervenções públicas na cidade contemporânea, visto que:

(...) na experiência, freqüentemente(sic) espaço e lugar se fundem, mas espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) Ao apropriar-se concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) de um espaço, o ator territorializa o espaço. (...) o território, já em sua etimologia, remete ao domínio, a pertença, logo a poder. (...). (MESQUITA & SILVA 2004, s.p).

O *Calçadão* enquanto lugar, ao contrário do espaço, tem por lócus a experiência de atribuir significados transformados pelo que é vivenciado. Lugar esse que se liga de modo inexorável à realização da vida, enquanto condição e produto de relações e rede articulada de prática socioespacial. Os populares assim remetem às resistências desse lugar em Campina Grande pela mudança de suas funções que, ao serem alteradas em seus usos, permitirem a concepção desse espaço como lugar fomentado por distintas e diversas atividades e práticas.

Em decorrência dessa leitura ganha importância a necessidade de entendermos as tramas que conduzem e acentuam o plano do lugar no espaço público de Campina Grande, enquanto realização daquilo que é cotidianamente constituído pelos populares no *Calçadão* como formas de experienciar, pensar e fazer a cidade e sua representação sobre a rua.

A experiência de interpenetração na rua se consuma pelo que é vivido e tem por desdobramento um mapa que revela o *Calçadão* na cidade pelo que se espelha e se desloca em todos os seus reflexos, sobretudo o que convém aparentar certa indolência na realidade oculta, de novas experiências da cidade dentro de ‘velhas molduras’. Essa descrição é realizada por traços e labirintos através da qual se imprime no *Calçadão* a imagem de uma outra Campina Grande, de muitos dos seus usuários desconhecidos, e ao longo dos quais potencialmente se move a cidade.

É o *Calçadão* lugar de onde se tecem as resistências, histórias, movimentos e errâncias que alteram as percepções dos populares em Campina Grande, na apreensão do que a cidade tende a lhes oferecer. É enquanto espaço de convergência de parcela significativa de Campina Grande e de metáfora da sua sociabilidade que o *Calçadão* remete a operações de “desvios” na espacialidade do centro.

E nessa medida irrompem os populares a tática da necessária formulação de atuar “dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por este controlado” (Certeau, 1994, p.100). É neste espaço, relativamente ‘controlado’ pelo poder público, que os populares se apoderam em um esforço de abrir brechas em lugares de vivências e reconduzir outras práticas na cidade, a favor do uso ordinário que elaboram.

Nisso reside a leitura do *Calçadão* como espaço público, construído pelos que se encontram na contramão da cidade oficial — vestígios e vozes dos praticantes ordinários tantas vezes negados e fragmentados.¹² Os deslocamentos operados pelos populares no território do *Calçadão* se faz por significados distintos aos seus contrários, em disputa entrelaçada na Campina Grande “planejada e visível” com a cidade vivida. O *Calçadão* propõe assim percursos, deslocamentos e

¹² Walter Benjamin (2000) os chama de sinais dos “cacos”, que se colocam sob a forma de imagens ou discursos presentes na cidade.

confrontos de práticas que o demarca como lugar inacabado e sempre em via de fazer-se.

Bibliografias

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.258p.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2001.170p.

CARNEIRO, Sandra de Sá. "Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas".In: CARNEIRO, Sandra de Sá;SANT'ANNA,Maria Josefina Gabriel.*Cidades,olhares e trajetórias*.Rio de Janiro : Garamond,2009.pp.193-218.

CASTELLS ,Manuel. *A questão urbana*. 4ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.pp.181-352.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano:morar,cozinhar*. Petrópolis (RJ): Vozes,1996.2v.372p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.v.1.361p.

CORADINI, Lisabete. *Praça XV: espaço e sociabilidade*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes/Letras Contemporâneas, 1995.156p.

DA MATTA,Roberto.*A casa e a rua: espaço,cidadania, mulher e morte no Brasil*.São Paulo: Barsiliense,1985.164p.

FREHSE, Fraya. "Usos da rua".In: FORTUNA, Carlos, LEITE, Marcelo Proença(Org.).*Plural de cidade: novos léxicos urbanos*.Coimbra(Portugal):Almedina/CES,2009.340p.pp.151-170.

FREYRE, Gilberto *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 32 ed. RJ: Record, 1997.

FRÚGOLI Jr., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs.). *A cidade e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006. 408p.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, 05.053, Vitruvius, out 2004 .Disponivelem:<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>.Acesso em : 04 abr.2010.

LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil*. Recife: UFPE, 2009.164p.

LEITE, Marcelo Proença. "Espaços públicos na pós-modernidade". In: FORTUNA; LEITE (Orgs.). 2009. pp.187-204.

_____. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Rev.Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, nº. 49, ANPOCS, p.115-134, fev. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-6909&script=sci_serial>Acesso em: 23 mar.2009.

MESQUITA, Zilá; SILVA, Valéria Pereira da. Lugar e imagem: desvelando significados. *Rev. estudos históricos*, Rio de Janeiro, nº. 34, 2004, pp.1-20. Disponível em: <<http://www.virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh> >Acesso em: 30 abr. 2010

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2007, [En línea], Puesto en línea el 05 enero. Disponível em: <. <http://nuevomundo.revues.org/3212> >Acesso em: 30 abril 2010.

RUBINO, Silvana. "Enobrecimento urbano".In: FORTUNA; LEITE(Orgs.). 2009.pp.25-40.

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismos urbanos e a cidade.*Rev.Novos estudos CEBRAP*..2009,n.84,pp.153-173.Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/nec/n84/n84a09.pdf>> Acesso em: 20 abr.2010.

WEBER, Max. *Os três tipos puros de dominação legítimas*.São Paulo:Ática,1991.pp.128-141(Coleção Grandes Cientistas Sociais).